



Correntes D'escritas & Correntes Descritas

Sem adjetivos! Como se isto fosse possível! Coisas do Onésimo Teotónio Pereira de Almeida! E explico: Numa nota prévia a explicar os motivos de um “prefácio em dueto” para este livro *Correntes D'Escritas & Correntes Descritas*, o Professor e Filósofo picapedrense pede aos autores do prefácio – Luís Diamantino, Vereador da Cultura da Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, e Manuela Costa Ribeiro, responsável pelo Gabinete de Projectos Culturais e Coordenadora das *Correntes* – que produzissem um escrito “*desadjectivado*”. Como é óbvio, não foi obedecido! E – digo eu – feliz desobediência, porque qualquer um dos textos deste *Prefácio em dueto* é de uma qualidade e de um carinho que espanta e marca. Com adjetivos, pois!

Idêntico pedido me fez o Onésimo em circunstâncias anteriores. E também não me é fácil satisfazê-lo porque uma prosa ou uma conversa “*desadjectivada*” é como uma paisagem de sol onde não haja qualquer sombra: não tem relevo!

Correntes D'Escritas & Correntes Descritas, numa edição *Opera Omnia* (Guimarães) são duzentas e poucas páginas de profundo ensinamento e puro encanto. Onésimo diz que “*nunca se considerou escritor*” e profissionalmente pertence ao campo do ensino como Professor. E acrescenta, em jeito de aviso: “*estes textos foram escritos para serem ouvidos, não propriamente lidos. Daí a sua leveza. Pelo menos tive sempre a preocupação de, sem deixar de transmitir o que pensava sobre os temas sugeridos, diluí-los numa fala não cansativa e, além disso, intervalada de estórias, porque está mais que provado que em média um ouvinte, por mais atento que seja, retém no máximo 20% do que escuta.*”

Ao ler os 19 temas apresentados por Onésimo Almeida em tantas outras edições das *Correntes* e mais o Epílogo de que falarei adiante, senti que são precisamente as estórias que tornam única a sua forma de comunicar e, por isso mesmo, não me admira nada que Luís Diamantino tenha dito no prefácio que “*há momentos difíceis de imaginar: as Correntes sem Onésimo, ou, ainda mais difícil, a mesa de encerramento das Correntes sem Onésimo*”. E não é para menos!

Ainda há poucos dias, quando eu lhe escrevia que ao ler este livro dava por mim a rir à gargalhada com as estórias e anedotas contadas, respondeu-me ele que “*se eu faço rir um amigo sinto que a minha boa acção diária de escuteiro está feita*”.

E que boa acção! Para quem apenas em sonhos imagina o que é estar no maior aconteci-



mento literário português que são as *Correntes d'Escrita* que fazem da Póvoa do Varzim, em cada mês de Fevereiro, - e já lá vão 20 anos – uma verdadeira capital de Cultura, ter a hipótese de ler as comunicações de Onésimo, desde o ano 2000, é motivo de alegria e momento de aprendizagem, porque a leitura é a semente mais segura de nascer no intelecto humano. E este *Correntes D'Escritas e Correntes Descritas* é um verdadeiro compên-

dio dividido em duas partes, *Correntes faladas e correntes descritas*. E nem vou aqui escrever sobre o que senti ao ler cada um dos textos, desde aquele *O mar como estrada cultural* (também já senti o vazio da ausência do mar, essencialmente quando estive quase dois anos naquela imobilidade que a doença me trouxe, confinado às paredes de quartos e enfermarias de hospitais), até à *Literatura: uma questão de inteligência invisível*, ou ao maravilhoso e sugestivo tema *a ficção é uma fábrica de realidades?*.

Em boa hora decidiu Onésimo publicar esta recolha de textos que se lêem com proveito, mas acima de tudo, com profundo agrado, como se, de olhos abertos, porque os não podemos fechar para ler, ouvissemos o Onésimo, comunicador nato, junto de quem nos esquecemos do relógio e do resto do mundo. E se sentimos isto mesmo quando lemos o que foi falado, para quê mais adjetivos?

Já aqui referi que as *Correntes d'Escritas* são o maior acontecimento literário que se realiza em Portugal e que reúne escritores e outros agentes culturais de língua portuguesa e espanhola, espalhados pelos quatro cantos do mundo. Lá há literatura, arte e música. As *Correntes* saem à rua, vão às escolas, criaram prémios e atingem públicos multifacetados e intergeracionais. E, acima de tudo, são o maior emblema da descentralização cultural que se pode imaginar, precisamente por terem nascido, crescido e atingido este patamar de acontecimento internacional, bem longe das saturadas capitais. E por isso mesmo me espantei

há dias ao ler alguém comentar as *Correntes*, perguntando: *para quando em Lisboa?*

Ao longo destes anos, nas conversas que tenho com a escritora e minha Amiga Lélia Nunes, a tal “açoriana mais brasileira que conheço”, não se cansa ela de me repetir que estar nas *Correntes* é acontecimento que ela não dispensa e, apesar de já se terem passado 20 anos, ela fala desses dias sempre com um entusiasmo novo, como se em cada ano tudo recomeçasse. E Onésimo deve sentir o mesmo quando escreve: “*Se a saúde não me faltar, procurarei continuar presente, mesmo que apenas no auditório, nos corredores do Teatro Almeida Garret, nas refeições e nos serões no lobby do hotel Axis Verman. Tomei-lhe o gosto e enquanto puder arrastar as botas atravessando o Atlântico, não faltarei*”.

Aliás, na segunda parte deste *Correntes D'Escritas & Correntes Descritas*, Onésimo deixa-nos um verdadeiro acervo de testemunho pessoal sobre o que são e no referencial em que se tornaram as *Correntes*.

E, claro, destas duzentas e poucas páginas, ficou-me um especial sabor depois da leitura do Epílogo... em que o Onésimo nos apresenta alguns excertos daquilo que foi o seu discurso na cerimónia do seu Doutoramento Honoris Causa na Universidade de Aveiro, em 2013. A tal ocasião em que tinha meia hora para falar, mas o tema ocupou apenas quinze minutos... o resto foi humor. Mas, com diz o nosso picapedrense, *Noman Malcom (1911-1990), filósofo discípulo de Wittgenstein, garante ter o seu mestre dito uma vez que poderia escrever-se bom e sério trabalho filosófico consistindo inteiramente de anedotas*. E daí que Onésimo acautele o leitor: “*não tenho a veleidade de estes meus textos constituírem um trabalho filosófico; mas sérios, isso são*”.

Atrevo-me a acrescentar que esta seriedade e profundidade do conhecimento ainda mais se valorizam pela leveza da apresentação. E, ao ler a tal comunicação proferida no Doutoramento Honoris Causa de Aveiro, pensei novamente no que levará a que a Universidade dos (ou será nos?) Açores a não o fazer! Adiante, porque são contas de outro rosário. *Correntes D'Escritas & Correntes Descritas* não é mais um livro de Onésimo Almeida. É Onésimo Almeida com outro livro, a provar que a oralidade passada ao papel não perde a “impressão digital” do autor, do estilo e da mensagem. Obrigado, Onésimo! Neste abraço!

Santos Narciso